CONHECIMENTOS UTEIS.

LIGA PROMOTORA DOS INTERESSES MATERIAES DO PAIZ.

633 No Domingo 6 do corrente, houve na sala do Theatro de D. Maria II a reunião, que com este titulo se havia annunciado em muitos dos jornaes da capital.

Sendo uma das partes da Revista destinada para consignar todos os factos, que se referem aos interesses economicos do paiz, não podemos deixar de expôr, mui francamente, o que pensamos ácerca desta tentativa, que mui desejamos ver completamente realisada.

Quando publicámos o annuncio, em que acabamos de fallar, só o acompanhámos das nossas esperanças e dos nossos desejos, receando que o mais pequeno reparo sobre a materia ahi contida podesse servir de enfraquecer o assentimento que todos prestavam ao pensamento civilisador e de maxima utilidade, que se descobria, atravez dos desenvolvimentos demasiados do annuncio, e da falta de certo ambito bem marcado á intelligencia pela meditação e pelo conhecimento real das necessidades do paiz.

Ainda em o n.º da Revista que se seguiu áquelle em que publicámos o annuncio, diligenciámos sustentar os animos mais incertos ou indifferentes com a espectativa de que a reunião seria mui concorrida.

Além da palavra escripta empregámos quanto estava ao nosso alcance, para que a concorrencia de certas pessoas indispensaveis, por muitos motivos, podesse ser um dos meios de firmar em base solida e duradora esse desejo vago e indefinido que nós viamos, com profunda magoa, em risco de se tornar esteril podendo aliás converter-se em origem de mui proficuas consequencias.

A um cavalheiro, que com muito empenho nos fallou no assumpto, manifestámos que viamos nos preparativos para a reunião que se projectava uma precipitação tal, acompanhada de certa falta de assento para tam grandioso edificio, que estavamos receosos ácerca do que aconteceria a tam louvaveis esforços.

Com muito pezar nos provou a primeira reunião que eram fundados os nossos receios.

Apezar da consideração geral, que merecem algumas das pessoas que ahi appareceram, devemos confessar, e essas mesmas pessoas o disseram, que a reunião não era ainda apta para se investir da grande missão que se lhe apresentava.

A sua necessidade era demonstrada pela affluencia de pessoas que estavam na galeria; e a falta dos elementos preparatorios indispensaveis para tam grande acto, era tambem demonstrada pela ausencia de pessoas mui competentes e respeitaveis, a qual nós ouvimos attribuir ao desalento que mina a nossa existencia social, mas que tinha por causa as varias vezes, que taes pessoas tem levado á cova instituições informes, ou já moribundas, que lhes põem nos braços.

Entre varias idéas que vogaram ácerca da reunião, ouvimos duas que pareciam dever ser as escolhidas para alvo de qualquer trabalho, e eram os interesses economicos do paiz em geral, ou os interesses isolados da agricultura.

A vastidão de conhecimentos, que precisa o desenvolvimento da primeira idéa, exigia uma discussão profunda, em que se estudassem os meios de manifestar o que ácerca de tão grave ponto se pensa no paiz, e que precedesse o aparecimento da projectada *liga*.

A especial importancia da segunda idéa, abrangendo o incremento dos interesses agricolas, pedia, que ao publico se appresentasse um nucleo vigoroso, e que podesse animar os differentes districtos do reino a mandarem representantes seus a esta especie de congresso agricola.

Qualquer d'estes pensamentos era esperado pelas pessoas, que, em consequencia do annuncio publicado em varios jornaes, se dirigiram á sala onde se deviam reunir.

Foi com admiração que se viu resuscitar, na presença de muitas das pessoas que vinham para presenciar o começo de uma coisa nova, a antiga Associação, que, ha dois annos, e tambem com o titulo de *liga*, se reuniam no Escriptorio da Companhia Providencia.

O convite para a reunião fallava na lavoira, nos meios de augmentar o valor dos nossos productos pela exportação; e o plano que essa Associação quiz adoptar, nos ultimos dias da sua existencia, que foi presente, abrangia um corpo de devisões mais vasto do que o de muitas Academias da Europa. Isto foi ainda mais um documento da fatal precipitação com que se encetou tão importante negocio.

A historia da Associação, que se pertende continuar, é bem sabida. Nasceu e morreu abraçada com a questão financeira.

Quando as circumstancias, o acaso, ou erros proprios condemnam á morte qualquer Associação, é sempre inutil desejal-a transformar em novos Lazaros. Haverá ainda louvor para o pensamento que a creou, saudade pelo que se fez, ou pezar pelo que se não fez; mas nunca haverá força para a arrancar da sepultura para onde cahiu.

Achâmos, pelo menos, de mau agoiro, ir prender este pensamento, que muitos julgavam novo, a outro que deixou de existir. Por mais illustre que seja um cadaver não póde servir de nada ao infante, que nas fachas da infancia espera no provir a revelação dos seus destinos.

Ao cabo de uma discussão sem thema, porque realmente não havia sobre que discorrer, tomou-se a resolução de nomear uma commissão para rever as bazes da antiga liga, e para definir o que ha-de ser a moderna.

Desta commissão depende, em grande parte, a boa ou má sorte de um alto pensamento, que póde ser mais um, que se perca entre tantos que por ahi teem desaparecido.

Não julgamos conveniente antecipar as observações, que se podem fazer sobre os dois meios dessa reunião se constituir; destinando-se ao estudo de todos os nossos interesses economicos, ou só dos interesses propriamente chamados agricolas.

Quanto ao segundo meio já o tractámos na serie de artigos sobre — *melhoramentos agricolas* — que se não tem continuado a publicar para que haja variedade nos artigos da Revista; mas como brevemente faremos imprimir o que resta, então os nossos leitores conhecerão o que pensamos a tal respeito.

Ácerca do meio de applicar o principio da Associação ao estudo da questão economica; que em si resume

o futuro do paiz, ponto é esse de tão subido interesse e de tão tremenda responsabilidade, que nem nos atrevemos a prometter, se a seu respeito appresentaremos algumas idéas.

Para qualquer dos assumptos, tanto nós como o publico, achámos na reunião de que fallamos, menos do que se esperava: aguardamos o resultado dos trabalhos da commissão com a anciedade do desejo de vêr excedidas todas quantas esperanças brilhantes se refiram a este objecto.

O jornalista deve ser franco e verdadeiro.

As instituições mais nomeadas morrem, e o crepe do esquecimento, que as cobre, não deixa vêr aos vindoiros nem uma só das suas acções, mas a mizera e mesquinha folha de papel elaborada nas trevas, impressa em quanto dorme a sociedade, que retrata, passa além das gerações para servir de prova no processo do passado.

A magoa, que nos opprime o coração em quanto manifestamos os receios de vêr malograr desejos, que louvamos, intenções, que respeitamos, só é attenuada pela convicção de que cumprimos um dever, patenteando lealmente o que sentimos, e porque, como o *Alcaide de Faro* do Sr. Cascaes, desejamos sempre estar bem com a consciencia.

MAIS UMA EXPERIENCIA DAS NOVAS MACHINAS COLLOCADAS NO ARSENAL DA MARINHA.

Houve segunda experiencia das machinas de que já démos conhecimento aos nossos leitores.

Foi tão feliz como o primeira.

O Sr. Rêgo recebeu novas provas das simpathias que merece o seu muito talento e o seu zelo tão raro quanto modesto.

A carta, com que nos honrou o Sr. Campêlo, e que ao diante publicâmos, completa o que, sobre o assumpto, poderiamos escrever.

(CARTA.)

Sr. Redactor.

634 Assistí hontem ao segundo ensaio, ou experiencia das machinas motôras das novas officinas do Arsenal da Marinha, e desejoso de contribuir, pela minha parte, quanto possivel para que a REVISTA se desempenhe do seu titulo de UNIVERSAL, sendo effectivamente uma encyclopedia popular das nossas coisas contemporaneas, vou tentar dar a V. alguns esclarecimentos, não sobre a parte scientifica das machinas, porque nessa materia sou de todo em todo um perfeito leigo, mas em geral sobre a introducção deste novo agente nos trabalhos de um dos nossos primeiros e melhores estabelecimentos.

É o caso. Tratando-se, ha cinco annos a esta parte, de reconstruir quasi todas as antigas officinas do Arsenal da Marinha, que eram de má e feia construcção, e já estavam quasi a desatar-se em ruinas, offereceu-se ao providentissimo Ministro, que então era da Repartição, e que se não precisa nomear para se saber já, que era o Sr. J. J. Falcão, — deparou-se-lhe a occasião, e a lembrança de applicar á laboração d'aquellas officinas a força do vapor, como o mais util e economico meio de alcançar a maior celeridade e perfeição nos trabalhos, até alli feitos á força de braços. — Entre diversas propostas sobre a compra de machinas para este effeito, acceitou-se a de uma da força de 12 a 14 cavallos, construida em Inglaterra pelo systema de Bulton & Watt, que é a que se acha collocada, e põe em movimento todas as outras machinas subsidiarias. Comprou-se tambem uma outra, para auxiliar esta, da força de 4 a 5 cavallos, destinada especialmente a dar movimento a um ventilador para grandes fundições, servindo ao mesmo tempo de transmittir a impulsão a algumas outras machinas de mais pequeno pórte.

A acquisição d'esta, como das subsidiarias, foi incumbida ao nosso insigne Engenheiro de Marinha, o Sr. G. N. do Rêgo, talento distincto, que a nossa patria se póde gloriar de ter produsido, e de quem eu muito me préso de ser amigo, e admirador. De commum accôrdo com o Capitão de mar e guerra, o Sr. Borja de Sá, e com o Engenheiro Inglez, Mr. Norton, procedeu elle á encommenda, e á compra d'aquella machina (*), parte em Inglaterra e parte na Belgica, segundo a maior vantagem do serviço publico, sujeita á consideração da escacez das nossas finanças. São — de serragem, — um systema de serras verticaes, uma serra para curvas, e duas circulares de differentes diametros; e as mais, é um grande tôrno, uma machina de aplanar ferro, outra de curvar chapas — de fazer parafuzos e roscas — de cortar e furar; e uma dita de alta pressão para dar movimento a um ventilador; e outras de que porventura eu não tenho conhecimento.

Agora quanto ao ensaio, posso dizer só, que correu perfeitamente bem; e que, perante todos os presentes, se desempenhou o Sr. Rêgo, do alto conceito, que todos formam do seu rarissimo merito. Nascia espontanea, da alma, a admiração e o jubilo, n'aquella scena. E não era tanto a novidade da coisa, nem o quasi phantasioso quadro d'aquellas serras de varios diametros, movendo-se com a velocidade do relampago, quasi todas a um tempo, em differentes sentidos, e *rasgando* (ou não sei de que termo me sirva), cortando, como se parte manteiga, em alguns segundos, madeiros de carvalho, que levariam horas de aturado trabalho, e cançariam uns poucos de homens, para se serrarem á força de braços! Era antes de tudo isto, mais que tudo isto, a idéa do grande passo dado para o desenvolvimento (ou para a ressurreição, se ella ainda é possivel) da nossa Marinha, com a introducção d'este novo agente; — e era a lembrança, que vinha apoz logo d'esta consideração, a lembrança saudosa do tempo, em que esses lenhos, agora cortados só por experiencia, o eram d'antes, para irem levar até aos confins do mundo o nosso nome, a nossa linguagem, e a noticia do nosso poder, e das nossas glorias, e trazer-nos em retorno o oiro das veias do Oriente e da Africa.....

Deixe-me V. ficar por aqui....

Agosto — 5 — 1848.

De V. etc.

J. M. Campêlo.

(*) Creio que andou por duas mil e cincoenta e tantas libras o custo.

ENTERRAMENTOS PREMATUROS.

635 O facto do enterramento, se não prematuro pelo menos antecipado, de um confeiteiro Suisso, acontecido, ha dias nesta capital, deu occasião a que V. , nos n.os 29 e 30 do seu utilissimo Jornal, ao referil-o, chamasse a attenção das auctoridades, e indicasse o estabelecimento de cazas mortuarias, a fim de prevenir os enterramentos de *gente viva*.

Em terras, que não é a nossa, aonde se tem em alguma conta a saude publica, não faltam casos desta ordem, e ainda assim em tam crescido numero, que bem nos deixam ver a insufficiencia de sua legislação a par da da sciencia, que ainda discute ácerca dos signaes da morte. — Se isto acontece lá fóra, é de crer, e eu o creio, que por cá tem ído para a sepultura muita gente, que julgada morta, foi só lá exhalar o ultimo suspiro, soffrendo a sorte cruelissima de ser *enterrada viva*.

A pintura que o nosso collega o Sr. Dr. Assiz, faz das torturas porque passa um individuo apenas é julgado morto, é exactissima, — é o fiel retrato do que observamos todos os dias mesmo na capital. — Morre, ou diz-se morto um individuo, trata-se immediatamente de o affastar para fóra de casa, como se fôra um objecto de horror, e corre-se logo em procura do facultativo, para assignar o attestado mortuario, o qual leva já escripto a hora do fallecimento, não a verdadeira, mas sempre antecipada tanto quanto convém para que, contadas as 24 horas marcadas na lei, o enterramento venha a effectuar-se á hora desejada; sem se importarem se enterram um cadaver, se um corpo sómente em estado de morte apparente.

Este prazo legal, ainda mesmo que não fosse por este modo diminuido, além de muito curto, não satisfaz ao fim proposto, porque para isso fôra mister que se empregassem todos os meios de tornar apparente a vida, que póde não estar ainda de todo extincta. — Mais avisados andáram por certo os Hebreus, Gregos e Romanos, prescrevendo os prazos mortuarios de 3, 6 e 7 dias, durante os quaes tentavam, ainda que inuteis parecessem, todos os meios de restituir a vida.

A putrefação, sendo julgada até ha pouco tempo, o unico signal certo e absoluto da morte, é claro que nenhum enterramento se devia effectuar antes que este phenomeno cadaverico se manifestasse: mas por outro lado era mister attender a que a permanencia de tantos fócos de infecção dentro de uma cidade populosa, e por tempo indeterminado, punha em risco a saude de seus habitantes. — O estabelecimento pois de cazas, aonde os fallecidos são depositados cuidadosamente, e se lhes ministram promptos soccorros, se por ventura algum dá o mais leve signal de vida, satisfasendo a todas as exigencias, foi o alvitre adoptado na Prussia, e em algumas cidades da Allemanha. — A humanidade deve esse grande serviço ao Dr. Hufeland, ao Nestor da medicina allemã, por cujos esforços se construiu, em 1791, a primeira caza mortuaria em Weimar — E todavia é alli aonde estes estabelecimentos são menos necessarios, porque segundo o Codigo allemão, os enterramentos só pódem ter logar depois de findo o prazo de 3 dias seguidos ao do fallecimento.

Algumas poucas cazas mortuarias se construiram depois em França: mas o seu Codigo civil, fixando o pequenissimo prazo mortuario de 24 horas, e contentando-se apenas em mandar verificar a morte por um *empregado de policia!* é além de illusorio, incoherente, e insufficientissimo para previnir os enterramentos prematuros. — A legislação ingleza, mandando certificar por peritos se a morte foi violenta, tambem não satisfaz, porque, primeiro que esse exame, está *verificar* se a morte é real.

Disposições mais acertadas e mais completas continha indubitavelmente o nosso Decreto de 26 de Novembro de 1845, que foi abolido. — Nelle se obrigavam os facultativos a verificar a morte, e se lhes dava a faculdade de prescreverem a hora do enterramento; — e se não tinha havido facultativo assistente, outro qualquer procedia a essa verificação, quando não comparecia a propria auctoridade de saude do concelho ou bairro, se para isso era primeiro avisado. — E se nesse exame os facultativos encontravam motivos para suspeitar que a morte tinha sido violenta, eram obrigados a partecipal-o sem demora á auctoridade criminal. — Em todo o caso era *sempre* um *perito*, que attestava sob sua responsabilidade a morte real.

Prevenidos por este modo os enterramentos prematuros, e postos á luz muitos assassinios e envenenamentos, que de outra sorte ficariam para sempre ignorados debaixo da terra, e fóra do alcance da justiça; só faltava então o estabelecimento das cazas mortuarias, para tornar mais completas as providentes disposições do citado Decreto.

Hoje porém, á vista da Memoria de M. Bouchut, lida ultimamente na Academia de Medicina de Paris, de que V. deu breve noticia no n.° 31 da Revista, na qual seu auctor estabelece os signaes certos da morte, signaes que se manifestam primeiro que o desenvolvimento da putrefacção, e que, segundo o parecer da Academia, se podem redusir a estes tres: — *ausencia prolongada de pulsações do coração*, *rijesa cadaverica*, *e abolição de contractibilidade muscular*, tornam-se menos necessarias essas cazas mortuarias, e bastará, para conseguir os mesmos fins, adoptar o que se acha estabelecido já em Paris, e em algumas cidades mais principaes de França; e vem a ser, — que se nomeem facultativos, que tenham exclusivamente a seu cargo a verificação dos fallecimentos pela apreciação d'aquelles signaes certos da morte, a quem incumba regular os prazos dos enterramentos, e todas as demais attribuições do citado Decreto, que n'esta parte deve ser restabelecido.

Estes facultativos *verificadores*, armados de um stetoscopo, comparecendo, ao primeiro aviso, no logar do fallecimento, offerecerão a mais segura garantia contra os enterramentos prematuros, auxiliarão a justiça no descobrimento dos crimes, e serão a salvaguarda da hygiene publica.

Oxalá que o Governo, saindo do estado de indifferença lethargica em que parece viver, a respeito de tudo que toca á saude publica, attenda em breve a um objecto, que interessa tão de perto a humanidade.

Lisboa 30 de julho de 1848.

G. A.

MEMORIA APPREZENTADA PELO CONSELHO DA ESCHÓLA NAVAL, PARA ESCLARECIMENTO E CONFIRMAÇÃO DO PROJECTO, QUE PROPÕE PARA A REFORMA D'AQUELLE ESTABELECIMENTO. *

636 3.° Traçado o amplo circulo dos conhecimentos exigidos pelo citado artigo para instrucção do official de marinha, é necessario vencer uma importante difficuldade — tornar possivel em tres annos satisfazer a todas essas habilitações.

Para o conseguir é o meio principal, e absolutamente indispensavel, conservar os alumnos constantemente na Eschóla de noite e de dia, durante o tempo do curso geral, a fim de que continuamente vigiados, dirigidos, e compellidos ás suas obrigações escholares, possam, por meio de regulada applicação, e em virtude de um bom methodo, alcançar sem trabalho superior ás suas forças e á sua idade, a instrucção, que lhes é necessaria — O systema collegial é a baze de toda a boa organização de estudos; os admiraveis resultados, que elle produz nos paizes, que o tem adoptado, a variedade e extensão de conhecimentos que por esse methodo se alcançam em pequeno espaço de tempo, são argumento indestructivel da superioridade de uma tal organização.

Por meio della, a applicação e aproveitamento dos alumnos deixa de ser abandonada ao zelo instinctivo de cada um, e á sollicitude muitas vezes insufficiente, ou imperita de seus paes ou tutores; muitos alumnos dotados de optimas faculdades, e que a falta de estimulo, ou a seducção de máus exemplos desviam dos estudos — podem por aquelle systema constantemente vigiados, e dirigidos vir a ser uteis servidores do estado, aproveitando amplamente o paiz todos os recursos da sua exercitada capacidade.

Este systema pois tão vantajoso, tão util em todos os ramos do ensino publico, o Conselho o reputa de uma necessidade absolutamente indispensavel no curso de habilitação de marinha.

De outra maneira seria totalmente impossivel que a grandissima parte dos alumnos obtivesse a precisa instrucção no limitado decurso de tres annos: — raros entre elles á força de zelo, de applicação e de talento conseguiriam esse fim; mas para a generalidade seria necessario conceder-lhes a repetição de frequencia, uma ou varias vezes, e o curso em vez de se terminar quando muito aos 17 annos, poder-se-hia concluir aos 20 como permitte a lei actual, ou mesmo depois dessa epocha, o que tem succedido frequentemente mesmo depois da publicação dessa lei, em virtude de dispensas de idade, que o Governo tem concedido a alumnos que excederam aquelle prazo; e por esse modo os aspirantes de marinha viriam a embarcar n'uma edade já menos propria para se affazerem a todas as condições da carreira que pertendem seguir.

Este inconveniente subsistia tambem em parte na lei de 18 de Março de 1837, que foi remettida como simples projecto ao conselho: ahi como se não adoptava o systema collegial, o curso de estudos apezar de ser muito menos completo do que o que propomos, não se prefazia em tres annos, por quanto devendo os alumnos previamente frequentar no ensino denominado *rudimentos* uma grande parte das mathematicas elementares, devia o tempo desse curso preparatorio juntar-se aos tres annos do curso propriamente dito da Eschóla, e para augmentar o tempo total da habilitação accrescia a circumstancia de ser permittida, em certos casos, a repetição de anno.

Admittida a conveniencia do encerramento dos alumnos em collegio, ¿ deverá esse collegio estabelecer-se em terra, como ainda hoje succede na Hollanda, na Russia e no estabelecimento de Porthsmouth; ou, á similhança do que praticam actualmente a França, o Brazil, e do que vai executar dentro em pouco a Hispanha, deve collocar se a bordo de um navio de guerra?

O Conselho inclina-se decididamente para este ultimo arbitrio. Além de que seria difficil obter e dispor convenientemente um edificio para uso da Eschóla, o qual necessariamente devia estar situado perto do mar, ha ainda outras considerações de grande importancia que aconselham essa medida.

A separação de toda a communicação, e distracções da terra effeitua-se de um modo muito mais cabal a bordo; e ainda que o navio Eschóla deva estar constantemente fundeado, a disciplina, e ordem de serviço, que nelle se podem estabelecer, e a residencia permanente a bordo, familiarizam em grande parte os alumnos com muitos dos objectos e usos, que deverão constituir todos os elementos da vida excepcional que terão de seguir depois como officiaes de marinha. — Muitos dos exercicios praticos que se effeituarem a bordo terão o proprio character que lhes convem, e não serão estudados em um modelo, que muitas vezes dá falsas idéas daquillo que se pretende aprender; e para os exercicios que devem fazer-se no brigue ou curveta d'ensino, os alumnos não tem de entrar n'um campo estranho aos seus habitos como succederia residindo em terra; mudarão apenas de navio, e ha para a sua instrucção a mesma vantagem, que se o proprio navio Eschóla suspendesse ferro, e se fizesse de vella.

Estabelecido o collegio a bordo, distribuido e aproveitado cuidadosamente o tempo, não só será dada toda a instrucção theorica, que os alumnos necessitam, mas haverá tambem a possibilidade de elles se entregarem a todos os ramos de ensino pratico, que comprehende a sua habilitação, e desde o começo da sua residencia na Eschóla, adquirirão o habito de uma vida activa, e laboriosa, e ao mesmo tempo que se applicam aos estudos, que requerem contensão de espirito, que o desenvolvem, e fortificam, ligarão esse tyrocinio intellectual com a pratica dos exercicios, a que devem applicar a theoria que apprenderam. Associar razoavelmente a theoria e a pratica, mesmo desde o principio de um curso academico, é o meio seguro de formar homens especiaes, para as diversas profissões em que é altamente vantajoso que a razão, e a experiencia se auxiliem mutuamente.

Finalmente o Conselho, comparando detidamente o programma de estudos e exercicios (artigo 5.°) com o que é seguido em outras Eschólas de applicação, reconhece, que a grande maioria dos alumnos, admittidos com a necessaria instrucção preparatoria, poderá, estabelecido o systema collegial, satisfazer áquelle programma no decurso de tres annos.

4.° Reconhecida a necessidade de estabelecer a bordo a Eschóla convem dar a merecida attenção a uma objecção principalmente importante na situação actual dos meios do Thesouro, e vem a ser se a instituição,

* Vem do n.° 35.

que se propõe não reclama um consideravel augmento de despeza, não justificavel nem possivel presentemente.

Para devidamente compararmos a despeza do systema actual e do que propomos, convem fazer algumas considerações preliminares.

A despeza que requer a Eschóla a bordo consta de tres partes; os empregados, os alumnos e o navio.

Em quanto aos empregados, o Conselho propõe que o ordenado dos lentes e substitutos seja equiparado aos da Eschóla do Exercito; razão alguma póde justificar uma disparidade em desfavor da Eschóla Naval, nem tão pouco é conveniente e justo, que os professores deste estabelecimento tenham cada um ordenado differente como quasi acontece na organização vigente. — O trabalho e responsabilidade de todos os empregados no magisterio devendo ser iguaes, é uma desconsideração que se irroga a alguns delles conferir lhes menores vencimentos.

O governo póde, ou não fazer desapparecer as desegualdades que hoje existem, a tal respeito entre os lentes da Eschóla do Exercito e os da Eschóla Naval, ou mesmo destes entre si: a alteração, que se propõe poderá considerar-se dispendiosa: a equidade muitas vezes custa apparentemente mais caro que a injustiça; mas de qualquer modo, que este objecto seja resolvido, na comparação, que vamos fazer dos dois systemas de instrucção, supporemos, que em ambos prevalece; ou em ambos falta a egualdade de vencimentos, que nos parece de rigorosa justiça.

Comecemos pelos empregados. — Tomemos sómente em consideração as differenças, que ha entre os dois systemas.

Em ambos elles tem o mesmo vencimento o director, os empregados do observatorio, o mestre d'armas o de apparelho, o secretario, e o amanuense da bibliotheca.

Cria-se mais um lente, e por conseguinte uma despeza de 450$000 réis annuaes, e um professor de dezenho com 300$000 réis; em vez do professor de Inglez, que hoje tem 180$000 réis deverá haver um professor de linguas, com o ordenado de 300$00 réis, augmento de 120$000 réis; propõe-se tambem cinco officiaes de guarnição (dos quaes poderá um ser primeiro tenente, e os outros segundos); e um capellão; a despeza dos ajudantes entra na da tripulação.

Reunindo estas verbas teremos:

1	Lente	450$000
1	Professor de desenho	300$000
1	Dito de linguas	120$000
1	Primeiro tenente (maioria e comedorias)	188$960
4	Segundos — a 221$180 (idem)	884$720
1	Capellão (idem)	339$320
	Somma	2:283$000

(*Continúa.*)

ESTABLECIMENTOS PUBLICOS PARA LAVAR ROUPA, E PARA BANHOS.

637 A necessidade tem sido sempre, e o continuará a ser uma alavanca poderosa, para o adiantamento das nações: ¿poderá havel-a maior do que ha em Lisboa em estabelecimentos para lavar roupa e para banhos publicos?

Certamente não.

Pelo que respeita a banhos possue só e exclusivamente os das Alcaçarias, poucos e apenas toleraveis para o preço, e os quasi immundos chamados do Duque, onde o que se banha precisa de acender luz para poder tomar o seu incommodo banho por 300 ou 360 rs., preço exorbitante: e só em tal caso adequado para as classes altas, que assim os podem ter melhores em suas casas. Não obstante isto não tem havido na capital quem, pela concorrencia, os faça melhores, o que é muito possivel com pouca despesa. Só os hostilisa algum cabelleireiro francez, que por preço ainda mais subido, serve n'uma tina, e talvez na mesma agua a diversos concorrentes. Vergonhosamente deficiente como Lisboa é nisto, mais sem duvida o é em tanques cobertos, para as lavandeiras lavarem as roupas dos habitantes d'uma cidade bella e aliás civilisada; carece absolutamente d'elles. Nem para algum poderia offerecer local o lodacento e asqueroso charco, junto ás Alcaçarias, unico felizmente em Lisboa. Quem póde tem de mandar as suas roupas a Loires a duas leguas da capital, e esperar por ellas 15 e 20 dias. As infelizes lavandeiras, o menor incomodo que soffrem naquelle charco (outro nome se lhe não póde dar) é o estarem expostas ás intemperies das estações: alli indecentemente precisam d'estar metidas até aos joelhos na agua empregnada de sabão e immundicia, e por conseguinte com as pernas cobertas de feridas: é um charco que inficiona as cazas visinhas, e que seria detestavel até no meio de Marrocos, mas que temos suportado com a nossa frieza e apathia habituaes. Parece incrivel, que Camaras illustradas, como tem havido ha annos successivamente em Lisboa, não tenham attendido a esta grande falta, quando tem tratado de melhoramentos de mero luxo, só desculpavel e necessario, onde já houver o que é de primeira necessidade; e ninguem duvidará que o seja o que tão directamente concorre para a conservação da saude publica. Não tem sido porém só a falta da camara, que bons interesses podia tirar de taes estabelecimentos, mas tambem dos capitalistas, que com reciproca vantagem publica e sua d'elles se podiam ter associado para este fim: a empreza não podia deixar de ser lucrativa, attenta a falta absoluta que ha de tanques para lavar, e de banhos baratos, quasi sempre annexos a taes estabelecimentos. Acrescendo a isto o haver uma abundante nascente de agoa sulfurea, que apparece junto ao Arsenal da Marinha, e que se poderia explorar em sitio mais conveniente, riqueza que nenhuma capital da Europa possue; e que ahi é perdida. Eis a razão porque a nossa incuria é notada, como uma prova de brutalidade, por escriptores estrangeiros, nada familiarisados com estas miserias.

Alguem dirá que não ha abundancia d'agua para os estabelecimentos propostos.

Não é assim; nem só ha a que se perde correndo dos chafarizes para o Téjo, em quanto se não encanar para as cazas, mas ha a que se póde levantar com bombas, movidas pelas mesmas maquinas de vapor, que são necessarias para as lexivias ou barrellas, e para seccar as roupas em poucos minutos, pelo systema adoptado da força centrifuga, e tambem para aquecer os banhos: motivo economico porque sempre se associam estes dois diversos estabelecimentos. Ha bastantes annos, que em Londres, essa incomparavel capital do mundo, onde a sciencia e industria teem chegado ao mais alto grão, se fizeram com uma sumptuosidade

verdadeiramente britanica diversos estabelecimentos deste genero: e como naquella nação as immensas comodidades de que gozam os habitantes de Londres, logo se fazem extensivas ás pequenas povoações, quando a invenção não parte destas para aquella, qualquer povoação ingleza está neste cazo muito acima do barbaro estado de Lisboa. Em Pariz e em algumas cidades consideraveis de França, tem sido aproveitado este exemplo, que nós tambem não devemos perder, até para que alguma coisa, util para os ricos, aproveite tambem ao povo, classe respeitavel e tão pouco attendida. Estes tão uteis estabelecimentos não só foram fundados em Inglaterra por associações ricas, por especulação lucrativa, mas até por outras puramente caritativas, que os abriram ás classes menos abastadas, por infimos preços.

M. A. M.

JACINTHOS DE BELLAS.

638 A Academia Real das Sciencias de Lisboa, na Sessão Publica de 15 de Maio de 1838, no seu Programma annunciou o seguinte:

Em Mineralogia.

«Noticia dos chamados Jacinthos de Bellas, sua descripção mineralogica; de que modo elles apparecem; ha quanto tempo são conhecidos; se ainda hoje são procurados; e que uso se tem feito delles.»

Não nos consta que memoria alguma sobre este objecto fosse entregue á Academia.

O basalto das visinhanças de Bellas no Logar do *Suimo*, parece exclusivamente conter *Granatas* e *Zirconas*, que se acham nas arêas da pequena ribeira visinha. É sem duvida que os basaltos (que alguns julgaram ser producto de antigos e extinctos vulcões), das visinhanças de Bellas contém *Granatas*, o que já era conhecido pelo Padre Antonio de Vasconcellos (*Descript Regni Lusit. tit. de Lapidibus n.° 4*), como refere Luiz Marinho (*Fund. e ant. de Lisboa, Livro 1.°, cap. 6.*)

Na *Descripção da Grandina, Quinta dos Senhores de Bellas*, etc. Lisboa MDCCXCIX, a pag. 4, diz seu auctor *Domingos Caldas Barbosa*, o seguinte: «Tambem neste sitio ainda se respeita o precioso Monte, que no seu rico seio gerára, e gera para esmaltar a corôa de nossos Reis, muitas pedras preciosas. Eram das Minas de Suimos as que se assemelham á rubida grãa da corada Romãa; e assim o eram as roxas ametistas. Igualmente se acharam alli os graciosos Jacinthos, os accessos Rubins, e as verdes Esmeraldas, que nos antigos thesouros apparecem enriquecendo muitos dos atavios dos nossos primeiros Principes e Senhores. Estas pedras lhes serviam, antes que as ousadas Quilhas Portuguezas trouxessem do descuberto berço da Aurora as Perolas luzentes, e outras pedras brilhantes, com que as nossas não se envergonharam de emparelhar.»

Não fasendo menção de muitos outros auctores nacionaes, que fallam das *Granatas* de Bellas, notarei aqui alguns estranhos, como:

Plinio Nat. Hist., Franckfort 1599, lib. XXXVII, cap. 7.

Car. Clusio, aromat. et simplic. Antuerp. 1593, lib. III, cap. 51.

Ferrante Imperato Hist. Nat. Venetia 1672, lib. XXII, pag. 531.

Joann de Lact. De Gemmis et lapidibus. Lugd Batav. 1647, lib. I, cap. 2.

Masden Hist. Crit. de España, Madrid 1790, tom. VII, § 49.

Guingret. Rel Hist. et milit. de la campagne de Portugal. Limoges 1817, pag 9.

Brad. Nouv. Elem. de minéral., etc. Pariz 1820, pag. 171.

Beudant, traité. élement. de minéral. — Paris 1824 pag. 560.

O celebre *Hauy* (*Lucas, Tabl. meth. des esp. miner. dart.* 2 *dorés* 1813, pag. 141) possuia *Basaltos* com granatas de Bellas, que levou deste Reino, Mr. *Geoffroy Sant Hylaire.*

No XV seculo a Sr.ª Infanta D. *Brites*, Duqueza de Béja, mãe d'El-rei, o Sr. D. *Manuel*, fez mercê a *Rodrigo Affonso de Atouguia*, do palacio, quinta e terras, que possuia na Villa de Bellas, reservando tão sómente para o Sr. D. *Manuel* seu filho, as minas do logar do Suimo, onde se descubriram pedras que chamão Granatas etc. Ainda hoje algumas Granatas e Jacinthos, alli apparecem, quando se lavra a terra, e em tempo de grandes chuvas.

Na casa do Exm.° Sr. Conde de Redondo, ha varias peças para ornato, e nellas engastadas Granatas etc., achadas no Suimo.

Como tambem outras pessoas, fasem uso das referidas pedras em alfinetes, anneis etc.

O Abbade Castro.

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

XXXV.

639 Estou sem pae?

A orphandade, o mais triste, o mais sentido pezar da vida, teceu a corôa de espinhos da minha paixão!

¿E que situação haverá mais sem ventura?

¡É horrivel o legado da morte, que nossos primeiros pais nos deixaram!

Tenho medo do seu poder.

¡Custa-me vêr a pedra do tumulo sempre suspensa sobre todos os extremosos affectos, e sobre todos os atrevidos desejos!

Nestas horas, em que sei que vivo, porque penso, desejava andar errante pelo ermo das serras, ou das campinas; mas estou preso!

Ainda bem, que Deus não permitte, que se prenda a sua obra mais querida!

* Vem do n.° 35.

Essas grades, essas portas, chapeadas de ferro, só me escravisam o corpo; pois que o pensamento anda livre no infinito espaço, que ha tanto percorre!

Assim como o perigrino, que ao beijar a terra de Jerusalem, ainda se encosta ao bordão, que durante a viagem lhe serviu de apoio; tambem eu com a imaginação na sepultura de meu pae, com os labios pregados nas suas mãos geladas, que a phantasia me appresenta, encontro ainda a penna, que não deixei nunca, durante o transito, que tenho feito pelo valle de lagrimas, por onde a minha vida se vai consumindo.

¿O que ha-de essa penna escrever hoje na pagina coberta do lucto da dôr, que eu vou juntar a outras, amarrotadas pelo desespêro, ou desbotadas pelas lagrimas?

¡Parece que me deixou por algum tempo o abatimento, quasi mortal, que se segue a uma grande desgraça, e que se apoderou de mim, desde o dia em que, pela primeira vez, rezei pela alma de meu pae!

Nem sei ha quantos dias me não levanto daquella enxêrga.

Só um dezejo me andava na mente: queria que as horas passassem depressa, que os dias acabassem cedo, e que a noite não durasse muito.

¿E para que era este desejo de devorar o tempo?

Não sei.

Os que padecem, poderão comprehender a anciedade, que tenta matar a esperança, e que a vê renascer ao cabo de cada desejo que não é satisfeito.

Meu Deus! as lagrimas não me deixam atinar com o que escrevo; a dôr esconde-me o que procuro, no coração e no pensamento.

Quando eu tambem morrer, e subir á presença do Omnipotente, pedirei castigo contra as delongas e a injustiça da justiça.

¡Mataram meu pae!

¿Quantas outras victimas não terão feito?

Terem remedio as causas de tanto infortunio, e não lh'o darem ¡ai que não sei como a terra se não abre para tamanhos crimes!

Estou louco.

¿Que importa a ninguem a minha orphandade, ou a minha morte innocente?

¿Quem se interessa pelos que padecem encarcerados nestas prisões?

Os ferros, que nos separam da liberdade, separam-nos tambem do mundo.

¿Quem ha-de ter valor para abraçar o homem, que commetteu um crime, e que não póde cobrir com oiro a nodoa, com que o sangue lhe manchou a fama?

¿Quem ha-de acreditar, que o accusado, que se definha em uma enxovia, póde ser innocente?

Somos pobres!

Os caminhos, por onde corre o oiro dos ricos, não vem dar ao Limoeiro.

¡O papel, em que tanto se escreve, não chega para uma lei que faça da cadêa um castigo proporcionado aos delictos, e não um supplicio barbaro e atroz!

Desamparam o homem ás portas do inferno... não lhe acodem com a fé e com a esperança e nem ao menos ao vê-lo perdido, a consciencia os estremece com um grito de arrependimento.

Os mezes, que aqui tenho estado, ensinaram-me, que os malvados, que me cercam, pela maior parte, foi na cadêa que se preverteram de todo.

Parece que os arremeçaram para estas enxovias, a fim de lhes secarem na alma a ultima flôr de tantas que Deus ahi plantára no começo da vida!

Ainda esta manhã escarneceram da minha desgraça.

Para o sem ventura, tudo são desgostos.

Reparei neste fato de lona branca com que de verão e de inverno vestem os presos pobres, que não sabem com a grilheta, e pareceu-me esta côr um insulto aos padecimentos da minha alma. Fui ter com o juiz da prizão, pedi-lhe submisso, que me requesitasse qualquer fato, por mais pobre que fosse, mas que não me envergonhasse por não ser escuro.

O malfeitor rio, e riram todos que o ouviram.

Entre o ruido de muitas gargalhadas de escarneo, só lhe ouvi — « Aqui não ha lucto. »

Pela boca de um assassino a justiça revelára a causa da sua incuria.

Os presos não são homens!

É mister fazel-os monstros em logar de os salvar da perdição eterna... é mister transformar o innocente em malvado, para que tambem se perca.

O homem dentro d'esta caza não é pae... não é filho... não é marido... é só criminoso e nada mais.

Este plano depravado de não salvar as almas que se podem remir, e de perder as que luctam com o crime, só fica explicado quando se diz — « Aqui não ha lucto! »

Onde não ha amizade, nem amor, não póde haver pezar por uma perda, que tambem não póde ser sentida.

É bem amargo o fél, que aqui misturam com os meus dissabores.

E bastava só a orphandade para encher este calix de amarguras, que sempre me anda entre os labios!

O proprio Redemptor nos ensinou o quanto era dolorosa a perda dos que mais nos amaram!

Coberto de opprobrio, perseguido e morto affrontosamente, o seu infinito poder poupou ao mundo a lugubre scena da sua orphandade.

As lagrimas da Virgem Mãe caíram aos pés da cruz!

Ai! Santa Mãe de Deus! lembrae-vos do innocente, que ha 26 annos foi, com a vossa protecção, banhado pela agua baptismal, e permitti que as minhas lagrimas possam um dia, juntas com as de Margarida, caír sobre a sepultura de meu pae e de minha mãe!

(Continúa.)

IMPROVISO DO TROVADOR NO 1.° ACTO DO DRAMA — O ALCAIDE DE FARO.

(Ramiro passéa um pouco: pára: recita pausado, como quem compõe.)

640 Orpham, antes de nascido
Inda mais, quando nasci;
Pae, nem mãe me conheceram,
Nem me viram, — nem os vi.

Era planta rasteirinha,
Sem nenhum vigor em si;
Quasi morto, ao desampare,
Me trouxeram para aqui.

Desvélos d'alto senhor
Fizeram, que não morri;
Mas, quando pensei na vida,
Morrer então me senti.

Formosa estrella do céu
Olhou-me, — olhei-a; — sorri!
Olvidei, que era da terra.....
Ai pobre, triste de mi!

Esperança, não a tinha:
Amor, si — Oh! esse si!
Que, nem morte, nem despresos,
(pondo a mão sobre o coração)
Mo arrancarão d'aqui!

Palavras d'um rei se ouviram,
Déram-me esperança: — vivi!
Faze por ser cavalleiro.....
(Ermesinda entrando)
Ermesinda — Serei tua, não é assi?

J. da C. Cascaes.

A SEREIA.

SEMANARIO DE INSTRUCÇÃO E RECREIO
redigido
pelo
Sr. Antonio Feliciano de Castilho.

641 Ao escriptor distincto, que teve a honra de ser o primeiro, que levantou, em Portugal, uma publicação periodica, que no seu vasto plano abrange os interesses physicos e moraes de um reino, devia tambem caber a gloria de fundar um jornal, puramente de litteratura amena, e que seja escripto para agradar á parte mais interessante da sociedade.

Peza-nos só que seja tão longe de nós, em uma das nossas ilhas, que a voz da *Sereia* se erga acompanhando os inspirados e meigos cantares do mais apaixonado e portuguez dos nossos poetas.

A brisa do Oceano, as suas espumosas ondas, hão-de trazer-nos, ainda viçosos e rescendendo de frescura, os hymnos em que se cazem as inspirações do céu com as inspirações da terra, para servirem como de tributo respeitoso, que, todos os nossos poetas, se não recusarão a prestar, por mão do Sr. Antonio Feliciano de Castilho, á parte mais querida da nossa vida, ao encanto mais formoso da nossa alma, que no céu, entre córos de anjos, foi baptisada com o nome de mulher, pela misericordia omnipotente do Eterno.

A *Sereia* é um jornal do Sr. A. F. de Castilho: — tanto basta para que todos com alvoroço recebam a boa nova da sua publicação.

Sabemos que já são muitos os noveis e graciosos trovadores, que se andam preparando, para concorrer a esse primoroso torneio poetico, que teremos de admirar nas paginas da *Sereia*.

Não ha um só dos nossos talentos, já feitos e robustos pela edade, ou dos que apenas se estream nas lides do intendimento, que não reconheça, em um chamamento do fundador e redactor da *Sereia*, aquella voz, que, com o seu poderoso encanto, chamou para junto do estandarte victorioso e louvado da nacionalidade e da intelligencia, arvorado ha sete annos nas paginas da Revista, os talentos distinctos e raros, que, ainda hoje, apoz tão largo espaço, constituem a collaboração d'este jornal, em uma das mais escolhidas e respeitadas Associções scientificas e litterarias da nossa terra.

Em quanto o continente esquece tudo, até o passado, n'essas contendas civís, estereis para o reino que vão talando, é bem, que, além dos mares, perto do *Agricultor Michaelense* e da illustre Sociedade que o protege, surja a *Sereia*, como uma prova de que nem só para a utilidade, que para logo se palpa, andam voltados olhos, que tão perfeitamente descobrem os verdadeiros males da patria; e que o pão do espirito se ostenta cercado pela auréola do génio e da fé ao lado do sustento do corpo.

O continente póde ainda mostrar, que se não esquece completamente da sua gloria, prestando vassalagem ao canto que a *Sereia* vae entoar, e cobrindo de assignaturas o seguinte prospecto, que, desde hoje, por singular favor, que nos foi concedido pelo Redactor, fica para esse fim patente no Escriptorio da Revista.

O beneficio da Lei, que isenta de porte as publicações litterarias, facilita a acquisição da *Sereia*, como se fosse um jornal publicado no reino.

PROSPECTO.

Em Agosto de 1848 começará em Ponta Delgada a publicação d'um periodico sob o titulo de — *Sereia* — exclusivamente destinado a salas, camarins, e toucadores. A *Sereia* sairá todos os Domingos impreterivelmente, com 8 pag. de quarto oblongo, bom papel, e impressão nitida; conterá romances, poezia, muzica para canto e piano, modas, noticias ligeiras, e annuncios.

A *Sereia* será desde já adornada de formosas gravuras, e brevemente, segundo todas as probabilidades, se illustrará com soberbas lithographias, e figurins coloridos, assim de Senhoras, como de homens.

O caracter desta publicação é o aprazivel e a instrucção sem pedantaria; politica e a maledicencia sob qualquer fórma ou desfarce são-lhe absolumente prohibidas.

Assigna-se para a *Sereia* por 3 mezes 840 réis — por 6 mezes 1$440 réis, por anno 2$800. — O pagamento das assignaturas será feito á entrega do primeiro exemplar. Os assignantes de anno receberão no fim do volume, isto é, de 48 n.os uma capa de papel de côr e impressa, e no mez de Dezembro, (tambem gratuitamente) um lindo almanack, ou folhinha para o anno seguinte com gravuras, poezias, receitas uteis, estatisticas, anecdotas etc.

A UMA CREANÇA.

642 Creança, que em pouco teus
Socego da infancia bella!
Mal sabes que amargos bens
A tua alma vã anhela
N'esses teus loucos desdens!

Vês um homem rir, brincar,
Cuidas que vive diteso!
Não sabes que o seu folgar
Tem muito mais de amargoso
Do que o teu feliz chorar!

Essa edade sem cuidados
É ligeira como os ventos;
Os dias por ti contados
Fogem leves de tormentos,
Succedem-se melhorados.

Não te cances infundindo
Maduresa no pensar;
A aurora, que vês surgindo,
Dos teus dias sem penar,
Goza-a, que te vae fugindo.

As horas do teu viver
São florinhas enlaçadas,
Que amor te deixa colher;
Olha, não sejam sfolhadas
Antes do tempo o querer.

Deixa, que os annos virão;
O destino não se esquece;
Como nós, terás então,
Males, que a perfidia tece,
Martyrios do coração.

Esses olhos de candura,
Reflectindo o azul dos céus,
Não os manches de amargura;
Deixa-os sorrir para os meus
Com innocente ternura.

Por ora cuida em te rir;
Não penses na triste sorte,
Que te aguarda no porvir;
Não chames tam cedo a morte,
Que sempre cedo ha-de vir.

J. M. de Sousa Lobo.

BREVES REFLEXÕES SOBRE A PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE. *

643 A primeira de todas as causas da decadencia de Mocambique, a mais grave e a mais nociva ás nossas colonias d'Africa é o trafico da escravatura, este cancro das sociedades antigas, justamente qualificado pelo congresso de Vienna como *a desolação da Africa, a degradação da Europa, e o açoite devastador da humanidade.*

Com effeito, se abrirmos os annaes da barbaria e da maldade, que nos appresenta a triste historia do genero humano, não acharemos nenhum, que offereça um quadro mais horrivel e mais hediondo de crimes e por consequencia de mizeria, como o do trafico da escravatura.

Ha mais de dois seculos, que este systema d'iniquidades causa damnos horriveis e que milhares e milhares d'individos nossos similhantes, são victimas da ambição cruel de europeus, que ousam appellidar-se com nome de christãos.

Convencido d'esta verdade, o Governo portuguez prohibiu o trafico nefando: mas esta lei justa e santa não teve o resultado benefico, que d'ella se esperava, porque, mais generoso do que prudente, o governo não soube substituir, a um negocio illicito e barbaro, um commercio honesto e proficuo, que indemnisasse os habitantes das perdas, que lhes occasionava a abolição do trafico. Esta lei, digo, teve a sorte das más leis; não se executou, e todos os dias se infringe com a maior impunidade.

Muitos se persuadem, que as nossas colonias não podem existir sem este horrivel mas lucrosissimo trafico; porém se se appresentar um quadro succinto, mas verdadeiro, das atrocidades, que commettem pela ambição do ganho e pelos resultados funestos, que traz á Provincia, não haverá ninguem, que possa dizer — que o negocio da escravatura é vantajoso, pois que é elle que arruina o nosso commercio; que anniquila a agricultura; e que priva os portuguezes da India e os de Portugal de ir á Africa buscar riquezas legitimamente ganhas, para enriquecer alguns estrangeiros cubiçosos, que não temem de se encher com o oiro tinto no sangue e nas lagrimas dos seus similhantes.

Lá no interior da Africa, onde os europeus difficultosamente podem penetrar, os negros são livres; quasi sem necessidades, a sua occupação é a caça, em quanto as mulheres, que fazem a sua riqueza, cultivam os poucos cereaes que a sua sobriedade lhes torna sufficientes: preguiçosos, como os homens da natureza,

* Vem do n.º 35.

que ainda não flagellou o monstro da ambição, elles habitam em aldêas cercadas de mato espinhoso, que os protegem dos ataques das feras. Estas sociedades semi-barbaras são governadas por xeques ou sultões, que não conhecem outra lei senão a do seu arbitrio. Armados sempre de um arco, de frechas e de um punhal, entre elles o direito da força é o mais respeitado, e a guerra a sua occupação predilecta. Approveitando-se d'estas disposições, os europeus não se pejam de suscitar entre os pequenos soberanos, que regem estas gentes, guerras cruentissimas para obter d'elles o resgate dos prisioneiros, em troca dos quaes lhes dão os estofos de algodão de que se vestem, missangas, enchadas, polvora, agua ardente e outras bagatellas, que custam o sangue de milhares de Africanos, tanto d'aquelles que morrem no combate, como dos velhos que se acham nas aldêas vencidas, que um vencedor deshumano incendeia, e dos desgraçados, que, arrancados do seio da sua familia, são barbaramente levados á costa do mar, onde embarcam para nunca mais pisar o solo da Patria, nem tornar a vêr a sua familia! A Africa despovoa se, e todos os dias diminue o numero dos consumidores, que facilmente poderiamos abastar das nossas fazendas; e augmentar o nosso commercio, pedindo lhes productos novos que não sejam de carne humana.

Sigamos os desgraçados, que feitores d'escravos, negros tambem, e meros instrumentos dos brancos, levam para embarcar a uma distancia de, ás vezes, duzentas ou trezentas leguas.

Os infelizes são atados a dois e dois por uma perna com uma grilheta; uma grande corrente de ferro, com gargalheiras d'espaço a espaço, os prende por bandos de duzentos ou trezentos, e assim os obrigam a atravessar desertos inhospitos, onde soffrem fome e sede. Se alguma das tristes victimas adoece no transito, e não póde seguir a comitiva, os feitores cortam lhe a cabeça para não ter o trabalho d'abrir a gargalheira, e não demorar a marcha dos outros. Outras vezes são apinhados em lanchas, deitados uns por cima dos outros com as mãos presas a borda da embarcação, e n'esta posição descem a corrente dos rios caudalosos, até chegar á costa. Se a lancha sossobra por seu peso, como não poucas vezes acontece, nada os póde salvar.

Em fim chegaram á costa onde os esperam os navios brazileiros, hespanhoes, portuguezes, francezes que vieram a esta infernal feira.

Até o momento do embarque, os escravos são mettidos em barracões, cobertos de folhas de palmeira, construidos para este fim nas visinhanças das villas, para mais facilmente se alcançarem os viveres necessarios; alli, sempre presos, esperam a morte que elles mesmos invocam como o fim dos seus males; pois estão persuadidos que os brancos os compram para os comerem! Tal é o horror que inspiramos a estes povos!

É um facto constante e de todos sabido — que nas visinhanças de Quelimane (1) um barracão, que continha 1:200 escravos promptos a embarcarem foi incendiado pelos mesmos negros, que preferiram a morte á escravidão.

Um só escapou, que contou depois este horrivel desastre para maior vergonha nossa.

(1) Quelimane, Angoxe, e Ibó, são os tres pontos mais frequentados dos navios negreiros, mas não são os unicos.

Quando uma occasião favoravel se appresenta, os escravos são conduzidos a toda a pressa aos navios negreiros, que estão fundeados ao largo, onde os amontoam como saccos de fazendas sem differença de sexo nem de edade. Uma barca saiu de Angoxe, no mez de Setembro de 1847, com 800 escravos, carga que não achava ainda sufficiente. Durante a viagem os infelizes estão sujeitos a toda a especie de crueldades e de indignidades da parte dos capitães deshumanos. Calcula-se que uma terça ou uma quarta parte, não resiste aos soffrimentos indiziveis que padece. O resto é vendido na America, onde vae fecundar com o seu suor e com as suas lagrimas um solo estranho e inhóspito.

Os navios cruzadores portuguezes e inglezes, que vigiam aquella costa, não são sufficientes para acabar com o trafico. O incentivo do lucro faz que os negreiros continuem, ainda que com mais cautella: pois um escravo prompto para embarcar custa na Africa de 30 até 40 pesos columnares, e vende-se na America por 300 ou 400; de maneira que escapando um navio de tresentos, o negociante ainda ganhou bastante para se animar a nova empreza.

O cruzeiro diminuiu o trafico, mas apertou mais a sorte dos negros; pois algumas vezes um navio negreiro perseguido por um cruzador e a ponto de ser apanhado, deita uma parte dos seus escravos ao mar a fim de vêr se a humanidade obriga o cruzador a desviar-se para salvar os desgraçados, e por consequencia dar-lhe tempo para melhor fugir.

O ganho de 180 por cento, que deixa muitas vezes este negocio, e a falta de industria dos Africanos, são os unicos motivos que impedem a sua inteira abolição, motivos que desfarçam debaixo de diversos pretextos.

O primeiro, e o mais injusto, é o prejuizo absurdo e anti-catholico de não querer considerar, como homens, individuos que differem da nossa côr, e de julga-los incapazes de intelligencia e de civilisação. *O negro não quer trabalhar, é mister obriga-lo fazendo o escravo.* Eis a voz geral que se ouve nos paizes onde o senhor é ainda mais immoral do que o seu escravo; o negro é susceptivel de muita intelligencia, de amizade, de gratidão. Nós todos os dias os vemos aqui trabalhar em varios officios, onde ganham a sua vida. Os mesmos escravos, que uma vida abjecta, e sem esperanças, condemnou á condição dos animaes, apprendem com muita facilidade todos os officios, e até se póde dizer que teem muita propensão para os mesmos. Ha muitos objectos por elles feitos, principalmente obras d'ourives, como anneis, cordões de ouro, etc. — Sem outros instrumentos senão uns ferros grosseiros e toscos, os fazem com perfeição tal, que servem d'enfeites aos homens que vem apregoar aqui que o negro é estupido. O negro é como o branco susceptivel de civilisação: o que simplesmente lhe falta, é a esperança de poder melhorar a sua sorte, esperança que anima os nossos, sem a qual seriamos em breve reduzidos ao mesmo estado que elles; e um tratamento que em vez d'apagar n'elles todas as faculdades moraes, torne o homem respeitavel ao homem e lhe dê a conhecer as suas faculdades moraes e intellectuaes.

O segundo pretexto por ser mais cavilloso, não é mais verdadeiro. Pertendem, que os inglezes querem abolir o trafico da escravatura, para arruinar o Brasil, e para augmentar d'este modo o seu commercio, destruindo a concorrencia, que fazem os brasileiros

ás suas colonias da America; e pergunta-se — qual o motivo porque os crusadores inglezes não vão restituir os escravos, tomados em navios negreiros, á sua terra natalicia, mas os levam para o Cabo da Boa Esperança, onde os fazem trabalhar como escravos?

Os inglezes, como nós, tomaram parte no trafico da escravatura; porém alguns philosophos d'aquella nação, persuadidos da immoralidade de similhante commercio, formaram no seculo passado uma associação para reclamar contra os abusos dos seus compatriotas. Esta sociedade, dando a conhecer os direitos do homem, qual quer que seja a sua côr, e o paiz que habita, grangeou o apoio moral dos homens bemfazejos de todas as nações; até que se viu a necessidade de que estas idéas philantropicas fossem postas em pratica. A Inglaterra então aboliu a escravidão, dando a liberdade aos escravos nas suas colonias, e não temeu os sacrificios immensos, que eram precisos fazer para indemnisar as suas colonias.

O Tratado feito com o Governo de Portugal aboliu o trafico dos escravos. Um cruzeiro composto de navios das duas nações devia de vigiar a sua execução, e um tribunal mixto foi instituido para julgar das presas. Os navios do cruzeiro são pois obrigados a levar os escravos tomados ao tribunal competente, por isso não os restituem á sua Patria. Ainda que os restituissem, que certeza haveria que estes mesmos homens não fossem escravisados de novo? Os escravos da Costa oriental tomados em navios negreiros são levados ao Cabo da Boa Esperança, residencia do tribunal, lá são postos em aprendisagem durante alguns annos, findos os quaes elles são livres, trabalham para viver, e desmentem formalmente os homens que affirmam que os negros são incapazes da intelligencia e do espirito de civilisação.

D. Antonio de Almeida.

(Continúa)

NOTICIAS.

ACTOS OFFICIAES

DE 3 A 9 DE AGOSTO.

Diario n.º 183.

644 Auto de amortisação de Notas do Banco de Lisboa, pela junta do Credito Publico, no valor de 34:447$200 réis.

Mappa demonstrativo da importancia do imposto adicional de 10 por cento para amortisação das Notas, desde o dia em que começou a ter vigor a lei que o estabeleceu até 3 de agosto corrente; importando tudo em 7:322$816 réis.

Dito n.º 184.

Estado do Banco de Portugal em 31 de julho de 1848.

Notas do Banco de Portugal em circulação	74:470$000
Depositos — moeda metalica	199:216$730
Numerario metalico em caixa	356:869$549
Prata além do dicto numerario	10:675$200

Dito n.º 185.

Mappa das sommas recebidas nas Caixas Centraes da Thesouraria Geral para amortisação das Notas, no valor de 9:654$000.

Dito n.º 186.

Portarias com instrucções sobre as obras da canalisação do Mondego.

Carta de Lei auctorisando o Governo a reformar o Collegio Militar.

ASSOCIAÇÕES INDUSTRIAES.

645 A Assembléa nacional franceza, querendo animar o espirito de associação, sem prejudicar a liberdade dos contractos, decretou um subsidio de tres milhões de francos (480:000$000 réis), destinado a ser dividido entre as associações livremente feitas, quer aos operarios entre si, quer entre os emprezarios e operarios. Este subsidio será adiantado a titulo de emprestimo.

A mesma Assembléa creou um *conselho de animação* para regular este e outros objectos identicos.

EXPROPRIAÇÃO DAS COMPANHIAS DOS CAMINHOS DE FERRO EM FRANÇA.

646 O ministerio actual francez retirou da Assembléa nacional os projectos, appresentados pelo seu antecessor, para a expropriação e compra das acções das companhias de ferro; e prometteu que elle nunca proporia uma tal providencia.

EMIGRAÇÃO DOS FABRICANTES DE SEDA.

647 Em consequencia da apathia commercial da França, muitos operarios francezes, sobre tudo fabricantes de seda, teem emigrado para Inglaterra, principalmente para o districto de Manchester: o que tem causado serios receios aos fabricantes de Lião, que temem que os productos em sedas e veludos da Inglaterra possam vir a competir, ou exceder, aos da França.

PREÇO DOS CEREAES NO PORTO.

648 No Porto, em 3 do corrente, em relação ao alquire, regularam os seguintes preços

Trigo	800 a 900	réis
Milho	380 a 400	»
Centeio	320 a 340	»
Cevada	260 a 280	»

THEATROS ESTRANGEIROS.

649 Por toda a parte, os theatros resentem-se das commoções politicas e commerciaes que abalam o mundo.

A maioria dos jornaes desta especialidade vem destituida de interesse.

A nova ópera *L'Apparition* ensaia-se na grande Ópera em Paris. Os entendedores fazem-lhe grandes elogios.

O celebre pianista Bertini casou com a filha do Academico francez M. Picard, que tambem foi auctor dramatico.

Nos Campos-Elyseos em Paris vão-se estabelecer grandes concertos no meio daquelle passeio.

Os *Capuletos e Montéchios* teem sido applaudidos em Londres com Madame Paulina Viardot, mulher do ce-

lebre escriptor deste nome; e Marsal, artista francez, nos *Huguenotes*.

Roberto do Diabo naquella capital sofreu uma amputação: o 2.° e 4.° actos não se cantam, apezar das palmadas e assobios ao director. A polidez proverbial dos *dilletanti* de Londres não se tem pedido conter com taes usurpações.

O Theatro Italiano daquella capital tem sido bem succedido com a *Pega Ladra*, e a *Festa das Flores*.

Duprez, celebre cantor francez, apezar da diminuição da sua voz, tem sido enthusiasticamente applaudido em Bruxellas. Estreou-se na Opera *A Judia*.

Em Berlim vende-se com profusão e é muito estimado um brinco musical, denominado a *polka em charivari*, trasendo notas explicativas.

A *Musica posta ao alcance de todos*, é um volume em oitavo de 524 paginas, composto por M. F. J. Fétis, Mestre da Capella de Sua Magestade o Rei dos Belgas: a popularidade immensa deste livro faz com se esteja publicando uma nova edição.

Em Londres os artistas do theatro Italiano fizeram um beneficio em proveito do estabelecimento dos banhos para as classes pobres. Cantaram os principaes actores e actrizes do mundo.

Em beneficio do mesmo estabelecimento dos banhos para as classes pobres deu-se nos arrabaldes de Londres uma festa campestre de que foram directoras as Senhoras da mais alta aristocracia de Inglaterra.

* * *

CHOLERA MORBUS.

650 No dia 11 do passado, em S. Petersburgo, foram atacadas da cholera 692 pessoas, houve 219 mortos e 396 restabelecidos. No dia 12 occorreram, 609 casos, falleceram 226, restabeleceram-se 386, ficaram em tratamento 4.006. Parece que a intensidade da molestia vae em progressão descendente. Com tudo, o boletim enumera, desde que rebentou a epidemia na cidade, até o dito dia 12, 13:802 casos, sendo o numero dos fallecidos 5:623, e dos que se curaram 2:173.

PRAÇA DE LISBOA.

9 DE AGOSTO.

651 O mercado dos papeis de credito tem estado paralisado na presente semana.

Apenas as Acções do Banco de Portugal sustentam o preço, e continuam a ser procuradas.

Consta por noticias vindas do Porto, que no Brigue D. Manoel, vindo do Rio de Janeiro, e chegado aquella cidade em 29 do mez passado, viera um negociante brazileiro chamado Cardozo, trazendo comsigo mais de mil contos em moeda metalica. Ha pouco mais de um mez se tem descontado na Praça de Lisboa cerca de seiscentos contos de libras sobre Londres negociadas por alguns brazileiros que ultimamente aqui chegaram.

THEATRO DE D. MARIA II.

652 *O Alcaide de Faro* continúa a promover uma extraordinaria concorrencia a este Theatro.

Em cinco representações consecutivas o auctor tem sido chamado pelo publico e enthusiasticamente applaudido.

Sentimos não ter hoje espaço para publicarmos o que já escrevemos sobre este drama, mas não quizemos sacrificar a manifestação franca da nossa opinião, ácerca dos varios pontos que abrange a sua representação, a um certo e determinado numero de columnas.

Os applausos repetidos e sinceros do publico são a melhor e a mais valiosa recompensa ao merito, e á nacionalidade do Sr. Cascaes.

EXPEDIENTE.

— Agradecemos muito a valiosa remessa que de Madrid nos fizeram os illustres redactores do — *El Amigo del Pais*, Periodico da Sociedade economica Matritense, do seu interessante jornal. — Retribuiremos do mesmo modo.

— A linda poesia — O Canto do Arabe — com que o Sr. Almeida nos honrou, será publicada: só ha poucos dias a recebemos.

— Aos Srs. Assignantes que de Loulé, do Porto e de Mirandella, se nos queixaram de pagarem porte do nosso jornal, agradecemos o quanto louvam o nosso procedimento n'esta questão. Não fizemos mais do que cumprir o nosso dever, e só nos resta exultar por que a causa das letras vencesse mais este combate.

— Sentimos não poder publicar a poesia que nos foi mandada com uma attenciosa carta, datada de 7 do corrente.

Publicações recebidas: — O *Agricultor Michaelense*, n.° 5 e 6. — Em todos os numeros este jornal appresenta melhoramentos consideraveis: dos numeros que recebemos agora fallaremos mais de espaço, mui brevemente.

Revista Popular, n.° 22 e 33.

Vinte e Cinco de Julho. — Batalha de Campo de Ourique. — Poesia por Aires Pinto de Sousa. — Publicou-se e vende-se na loja do Sr. Lavado na rua Augusta n.° 8, e do Sr. Martins aos Paulistas. — Preço 30 réis.

Gazeta Medica do Porto, n.° 158.

Jornal da Sociedade Catholica, n.°s 10 e 11.

Relatorios e Contas do 11.° e 12.° anno da Casa d'Asylo da Primeira Infancia da Cidade do Porto.

A *Epocha*, n.°s 6 e 7.

Jornal dos Facultativos Militares, n.° 55.

Memorias de um Medico, por Alexandre Dumas, traducção portugueza, 3.° vol. da 1.ª parte.

O *Baratissimo ou o Pequeno Civilisador Popular*, semanario de conhecimentos usuaes e de litteratura para as classes laboriosas.

SAINFOIN OU ESPARCETO.

Chegou semente nova d'este anno, e vende-se por 800 réis o alqueire, no Escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.° 82, onde gratuitamente se dão as instrucções relativas ao cultivo d'este pasto.